

A metafísica do mínimo: um passeio pela poesia de Renato Rezende

Astier Basilio

(*A União*, João Pessoa, 29 e 30 de junho de 2002)

Pensando a circunstância de pluralidade promovida pelo bastião maior da pós-modernidade que é a negação do estabelecido, a carnavalização, a polifonia, a paródia, a reescritura em cujo imenso estuário emergem as vozes constituintes da nossa contemporaneidade, numa prolífica simultaneidade estilística, constatamos ao ler o livro *Passeio* (Record, 2001), do pintor e poeta carioca Renato Rezende, estar diante de um autêntico integrante de uma “família poética”, para usarmos uma expressão do João Cabral, que preza pela difícil eleição do simples, como elemento primordial, força motriz e repositório fundante de sua dicção.

É a obtenção do encanto, do sublime que roça a beira do abismo do meramente simplório e deslitterário. Esta visível e evidente filiação foi, lucidamente, flagrada pelo poeta Ferreira Gullar quando afirmou, em texto de contracapa, que: “O que mais me agrada na poesia de Renato Rezende é a fluidez e o frescor de sua linguagem. Não há nela uma alquimia vocabular, a busca da

palavra inesperada. Os poemas de *Passeio* brotam do chão como água”.

Aliás, esta característica, a de redimensionar o aparente comum, como no poema em que se narra a morte de uma borboleta, por exemplo, a nosso ver marcante e fundamental, efetiva-se por um viés minimalista, mas de vigor e fôlego, num fragmentado timbre narratológico que toca o estilo da crônica e do diário, cujo conteúdo entronca-se na pauta de um confessionalismo que consegue, no maior das vezes, atingir a aura de universalizante e divino.

No pré-poema, logo na abertura do livro, quando o eu-lírico assume uma posição de anjo, no patamar mais elevado da plataforma divina, temos uma espécie de recuo da eternidade, segundo o dizer de Borges. Uma apresentação do passado, perdido pelo presente e ferido pelo futuro. Há neste texto um feliz diálogo com o poeta Dante. “Desço, em desespero, com o peso do corpo/ à terra da impermanência/ para nela destruir o que em mim não é eterno”, e ainda “Que não seja longo, ó anjos, este passeio/ Mas, ao tocar os pés no chão/ já começo a andar, e em cada passo/ mais me esqueço”.

De modo que o poeta pôde, num tom arquitetado através de uma imagética, por vezes estruturada em cortes cênicos, elaborar, como bem disse o poeta Alexei Bueno, no prefácio, um “processo

comum à mística e à poesia, (...) extrair o todo da parte, o macrocosmo do microcosmo”.

É o que se pode ver no poema “A Idade de Cristo”, no qual o autor realiza um verdadeiro passeio por uma geografia sentimental de sua infância, em cenário de retorno, o “feudo” de sua família. É o homem que diante de si reflete acerca da própria condição humana. É um poema marcadamente biográfico, muito à Bandeira no que se refere a este componente do vivido, mas com estatuto de que intransferível a qualquer homem, no que alça de ontológico, como podemos ler neste trecho: “Tenho 33 anos/ A idade de Cristo/ Sei apenas/ que não ressuscito, e já é tarde/ para morrer jovem e bonito”.

A memória, com todo o seu inventário, numa intensa personificação biográfica, confunde-se com o espaço: a cidade do Rio de Janeiro. De forma que o cenário, no melhor das vezes, atua como elemento que se amplia para o além do que possa ser uma simples moldura, posto que atua decisivamente como ator. O Rio de Janeiro é mais do que um retrato na parede, é o local onde o poeta, perplexo, percebe que “As moiras, na Sua Glória, gostam dessa gente/ que é torta, desses sem jeito/ que descasam o fim do começo,/ que são menos carne que espírito./ Como o mendigo do Flamengo/ eu sou um escolhido/ e vivo de joelhos dentro de mim mesmo”.

O caráter engajado, bastante freqüente em sua obra, diametralmente êmulo de qualquer algo que soe panfletário, é

presente nas iluminadas recorrências aos bêbados e mendigos do estado fluminense. Numa beleza que se cristaliza no espanto e na indignação, que é também reflexão, da própria condição do homem, num lirismo agônico, como se pode ver no belíssimo trecho: “Demoro-me como se demoram/ os mendigos que moram na rua/ e que esperam o dia inteiro/ para suas casas serem abandonadas”.

Num estilo fluido, numa dicção despretensiosa, mas retirada do chão, sublinhando-o com seu poder de silêncio, Renato Rezende oferece, com seu último livro de poemas, um passeio no que há de mais verdadeiro na poesia brasileira contemporânea.